

OS NOVOS

BERREDO DE MENEZES

CATEDRAL
DOS
VÁCUOS

POESIAS

869.1
M 541 C
ex 2

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

A

Andrea Caffi

Paulo Emilio Sales Gomes

Claude Pradère

o coração sem tempo

dêste meu claro

silêncio

O AUTOR

MINISTÉRIO DE SAÚDE	
DEPARTAMENTO DE HIGIENE E EPIDEMIOLOGIA	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
314	26/4/57

À GUIZA DE PREFÁCIO

SIM, Fausto, estou em Paris; onde o vazio é mais íntegro e as tardes feitas de côres. Sopra, neste meu rosto sem mortes, o vento de outras épocas. Vento de reis ou reinos, mas, acima de tudo, vento — essa coisa maravilhosa e terrível que, alegrando nossos cabelos, gasta-nos a pele.

Não te posso falar do meu encanto, Fausto: a palavra é curta; ou eu é que sou curto para chegar à PALAVRA, que, no seu fulgurante mistério, se nega à fácil beleza. Daí a minha tragédia, que é a de todos, creio: a procura de uma palavra, que, negando-se, fôsse possível, com o sacrifício mesmo de nossa carne, de explicar a nossa beleza — a dura beleza que ilumina o nosso corpo em pé. É difícil falar do meu encanto, Fausto, que êle, mais do que o meu comportamento diante das coisas, é a construção mais grave do meu vazio: um verbal clarão onde o meu corpo arde com a sua pobreza e o seu sexo.

O que eu pretendo, quando escrevo, é a destruição dêste hábito triste de olhar os frutos e devorá-los sem luta.

Somos todos covardes, Fausto.

Enquanto isso, caminho a minha solidão entre flôres e pedras; e, quando há tempo, espio a tarde dos pássaros — essa que êles trabalham com a sábia alegria de cada voo.

E por falar de pássaro, que lado da primavera ilumina as minhas palavras?

A evidência dos meus pés, no duro chão dêsse mundo, evitaria os verões?

E eu me pergunto tudo isso, agora, como se depois já fôsse.
e, então, eu me dissesse, iluminado como um astro:

os que se buscam, meu amigo, voltam sempre com as pernas
mais curtas e o coração mais cheio de *nada*.

B. DE M.

Primeira parte
CATEDRAL DOS VACUOS

I

AH, meu amigo, quando as tardes caíram em Luxemburgo, eu já não tinha ossos para resistir o tempo das estátuas: esmagara um gerânio vermelho entre os meus dedos de tempo, e setecentas bailarinas gregas retalharam-me a face com navalhas. Porisso, digo: os que me ouvirem sob qualquer teto, perderão a côr do próprio corpo e os pés desabarão na luz dos vácuos. Mas... paciência. Paciência, que eu não te falarei das tardes que se consumiram nestas minhas orelhas ferocíssimas, nem do último herói tombado entre as formigas, nem do silêncio fátuo que agora envolve a ossada de minha triste mãe. E para que, se os camelos não bebem quando viajam? Sabias? Pois de já eu te advirto: sou um pouco de deus e de satã; mas se quiseres me buscar em essência, aprenderás a te manter de pé, sôbre êsse chão de mortes. É duro, sei, mas se dormires perderás o século que as borboletas tecem contra o sol. Ouve: nos jardins da Holanda jamais encontrarás uma tulipa. Eu sabia a razão dêsse milagre, mas cometi o crime de sentar num banco e isso foi o suficiente para que todos os peixes de Fontainebleau se reunissem num juri para condenar-me. Não fôra a estranha eloquência do meu advogado — um lindo peixe vermelho vindo da Jamaica — hoje eu seria um poste para os cachorros mijarem; ou uma alga execrável, no Mar Morto. Se o ouvisses falar três horas consecutivas de biotipologia criminal (e com aquela arrogância de sábio negada ao próprio Lombroso), ah, olvidarias para sempre as matemáticas e tocarias fogo em teus inúteis compêndios de mecânica celeste, astrônomo imbecil!

Não me julgues feliz, porém: o meu acusador foi um terrível carangueijo escocês, que, para impressionar uma platéia de lagostas da Córsega, citou todo o direito bizantino e leu duzentas páginas da Bíblia.

Se esta tragédia não sentes, bicho-homem, jamais as pedras te revelarão seu mundo de luzes-som. Isto é verdade? Então deves morrer, agora: salvarás a terra de uma futura geração de ratos.



UMA vez (difícil é precisar o século dessa noite), quando alguns bois dormiam num curral da Bélgica, um carrapato mágico transformou dois cravos num baralho, e as minhas pernas, trêmulas, fugiram nos intervalos do éter, e eu, comedor de pulgas, nem pude mais olhar para os meus cães.

Não rias nunca, amante do meu vício. Já tentaste o vazio? Oh, experimenta! Experimenta e três anos de angústia te perseguirão; e serás um deus todo esse tempo que pode ser uma noite; e as cobras te aceitarão nos seus palácios de nuvens e acordarás num sábado de aleluia, porque tudo isso pode ser um sonho, se os papagaios param de cantar.

ADIVINHO, filho: um dia contempleste os teus pés chatos sem pensar em nada. Eu te invejo êsse gesto, alma de poeira, que a minha infância foi atormentada pelas geografias que êsses terríveis monstros me apontavam, e hoje me encontro só, entre esqueletos de tardes.

Porque te amo e te odeio é que não te aconselho as viagens dos sem bússola. Olha o teu pé, como pé, e se tens mãe, corre depressa a beijá-la. Depois deita no chão e chora; ou dança a valsa última de Strauss, que, apesar de pequenos, os vermes têm um poder enorme sobre ti; e és tão pobre de metafísica, que há dois mil anos que os capins te trabalham, e só agora poderás compreender que és pó de vento.

AHI, fragilíssimo irmão, assim como te vês no espelho de um café, são de acaso os teus dias. E como respeito a essa nove ciência, não deites nunca na geometria alucinante do teu quarto: a madrugada nas ruas pode revelar-te o crime dos teus avós. Se queres continuá-lo, alma perversa, começarei, aqui, a minha maldição contra os teus passos. Trago, em meu corpo, uma floresta virgem de esqueletos, e no esplendor de cada uma destas árvores (que ainda não sei que sol virá beijá-las), encontrarás o meu olhar de chamas, e, do feérico som de minha voz, tu poderás sentir a côr do século que um dia explodirá do caos que invento. Se tentares um sôpro no meu mundo, serás tolhido por um vento inédito, e viajarás num tempo fora da mecânica.

CONHECES História? Pois bem: Hotêpi, rei dos feiticeiros tebanos, foi quem me deixou de herança a mágica do mal. Numa tarde da Europa, o seu remoto vento acometeu-me, e descobri, naquela voz de azôto, que os físicos são pobres no universo do som, pois a palavra é que desfaz e faz a nossa côr no mundo.

Explico-me: matar é fácil e sublime, sei, e todo o corpo esplende nessa diversão. Difícil é conhecer espaço e som; assombro e ar; mas se aprender quiseses, eu te ofereço assento no meu barco: sobe. Não fales em direção. Aprenderás a desprezar o certo quando te iluminar o vôo de um pássaro. Mas, atenta bem: nas estradas de Damasco, a sombra de Assurbanipal te aguarda, feroz. Ouvirás um tambor do Império Azteca, e uma nuvem de gafanhotos (semelhante a um crepúsculo), cairá do céu para extirpar-te o sexo — êsse pequeno monstro que é teu mundo insólito — e, depois de tão suave operação, dirás: "agora sou um inútil para a vida"... que glória! Súbito (sem que percebas tão doce metamorfose), teus dedos serão garras ferocíssimas, e uma real paixão pelos paralíticos te dominará. Contudo, não te aconselhe a começar por seres tão precários: para êsses ratos, filho, meia dúzia de sons é a conta exata: — êles se apagarão na dura côr da tarde.

BEM, discípulo amantíssimo, suficiente luz já te ofertei para um princípio próspero, e isso basta. O resto aprenderás no acaso das camélias, ou talvez — quem sabe? — no assombro das manhãs sem tédio. E mais: sem que soubesses, tu já eras um deus; o que te falta, agora, é descobrir o chão de tuas mortes. Tenta, que eu sentarei nos ossos de uma estrêla, para aplaudir as tuas invenções. Mas, não esquece: a palavra é tudo. Parte.

II

HUMANOS!, eu também nasci puro como um cravo persa. Eu até me recordo das manhãs de abril nas pernas de um cavalo, e algumas tardes alegres sôbre o vosso chão. Contudo, as andorinhas desapareceram, e os ratos começaram a trabalhar as noites do meu corpo atual. Eu vos pareço cruel, não é verdade? Pois bem: as flores inventaram primaveras dúbias nos jardins da América, e o tempo se afogou num copo de cerveja, desde que minha mãe dorme no caos. E como se não bastasse, as árvores murcharam sob um céu de espanto, e o vento já sibila a minha ausência. Gritar? Mas, contra quem? De mais a mais, já não me resta um sôpro de esperança: eu tanto procurei mares ignotos, que a minh'alma secou na luz da espera.

POBRE rosto, o meu: em cada poro a humilhação de um vento, e o conformismo estranho destas sobrancelhas.

Sim, meu calcanhar sempre foi grave e cético; mas nunca duvidei das incorpóreas árvores de Júpiter. Mas, que me resta fazer senão trocar de roupa e me vestir de sono: ainda faltam mil anos de mecânica celeste para que venha à Terra um boi de Marte. Porisso é que me odeio de silêncio e sêde, e vos convoco à solidão dos ossos.

Vós, os animais de agora — objetos de ar na exatidão do planeta — vós, os rápidos adornos dêste dia, tomai guarda: ervas já crescem nos jardins do nada, e os muros dormem sob um céu de assombro, num duro antecipar de noite-cal.

Não vos falo por mera diversão, que eu, pugilista do acaso — acrobata do som — estou baseado na mais nova ciência dos crepúsculos, onde, mais cedo ou mais tarde, os gatos se descobrirão nos claros vazios do pó, e, então (deliciosa alquimia!), tereis como horizonte a luz dos tatos.

Porisso, relâmpagos de caos, não consumis as vossas alegrias, que a glória está dobrada nos palimpsestos. Cantar?, oh, jamais!: o sol amadurece há seis bilhões de anos, e amanhã, talvez, êle desabará nestas calçadas da Terra; e vós, meteoros súbitos, não tereis nem tempo de assistir aos vossos claros vôos, nem o sorriso homérico que eu vos reservo dos tempos de capim...

III

DAI-ME sombra, árvores, que eu sou o mais pobre dos habitantes do mundo! Aquêlê que, sem olhar o céu, já pressentia a tempestade próxima; o que nunca se coube além do ódio, e, acima de tudo, o que menos se quis na luz do exato.

Meu corpo — êste silêncio vertical e sêco que se estende agora na mais fria praia da Inglaterra — sim, êste corpo — vaso vazio onde o insonoro é tempo — tentou vestir-se numa côr do dia, mas, oh, maldição!, os morcegos fizeram seu eclipse. Depois foi aquêlê cometa incendiando o ar, e o entusiasmo diáfano de uma louca, anunciando o fim do mundo cósmico. Daí minha paixão de peixe morto e êste sabor de alga em minha língua. Ela, a louca, brilhava como um copo d'água entre o deserto e o sêde, mas, estávamos tão sós naquele cais, ingratos, que eu nos diria a hipérbole de Deus. Tentei beijá-la no ar dos meus cabelos, mas um vento partiu-me as omoplatas, e acabei desabando entre os perônios. Ainda tentei um crepúsculo de minhas coxas partidas, mas o meu pé era uma solidão enorme e branca.

O resto? Oh, perguntai aos corvos, que eu fui seu "breakfast" nesse dia.

IV

NÃO grite, conde, que a minha morte será calma e clara como um astro. Quem ousará a orquestração do engôdo? Bem, mais cartas para mim, senhores, que êste jôgo se estende entre a distância e o pássaro.

"... valetes? *Four de reis*", êle disse; e eu sucumbi entre êsses dois clarões: o do "poker", feroz, e o do pássaro, cujo cantar era terrível.

ERA noite, lá fora. Lá, entre o barril de pólvora e a camisa; e aquela voz de pederasta inglês, na indecisão soturna dos canteiros.

Os homens? Oh, êles fugiram num sorriso eclético.

Porisso, Vanne, o teu irmão caiu como o empirismo das frutas, e, como estas, só teve o consciente apodrecer.

Não respeites o céu, o anjo, o herói morto; e o morcego das noites densas, o gato, o azul.

Meu Deus!, minha perna caminha um esqueleto!

V

TARDE. Sob o chão do corpo, corre um trem de mortes. A luz destas costelas, pirilampo, estarão sempre as minhas armadilhas. Eu te acordei no século de um gesto, mas, não fôsse a palidez de minha fúria, a luz refeceria nos contornos. Só me sentei para assistir à luta entre os contrastes, e, enquanto dormias (maravilhoso espetáculo!) o som do teu silêncio era um desastre morno nos mosaicos.

— “Estivemos ali”, disseste, e, agora, oh, já nos espera uma manhã de cal.

Deitemo-nos!

VI

OH, não me fales da luz, nem do cansaço anímico das coisas, que esta noite — fantasma equilibrado de distâncias — é, como vês, um conforto dinâmico de nada.

Caminha-se, meu amigo, mas um dia se pára nesta curva, onde só brilha o pó das velhas direções. Então se cai, como eu, pelas arestas do ar.

Enquanto isso, tu continuas a dançar teu anjo de frustrados sóis. E ris do sempre mar que não soubeste nunca, e ainda cantas, oh!, como eu odeio o falso mecanismo de tua morte.

Sim, tu vives, ingrato. Sente-se, pela tua gravata, o cuidado do teu anus contra as sujeiras da terra. No fundo, és pouco mais que o sexo — um astro da contumácia. Os juizes te apavoram, sei. Daí o te inventares de fortuito, e o teu eterno elaborar ausência.

Enfim, bicho, tu és um homem e aceitar não queres que serás um riso debaixo do chão.

VII

UM pássaro morto e morno (e que há mil anos se dizia um astro pelos cus de Júpiter), caiu naquela tarde sobre o chão da Terra.

Dormias,

Ferdinand, e não pudeste ver (agora em forma de luz), que o pássaro desfez o estática do dia. Sonhavas entre côres, no intangível, e, sem que o sentisses, as árvores roubaram-te dinâmica, para inventarem tempo e discordância.

O homem da época (de cujo rosto era supor crepúsculo), sorriu de me encontrar nas velhas teorias. Eu era um mágico a fugir nas côres do silêncio rápido dos dedos, e enquanto o sono soterrava o pássaro, nevava de acreditar-se em geografia.

Depois? Ah!, tu acordaste e já não eras tempo na paisagem.

VIII

DEITAVA-ME no chão que os esquecidos ventos consumiram.
Meu rosto, como clarim, edificara, ali, o seu engano: a música.
Eu, todavia, tinha extirpado o coração, e, ao abrir os olhos, compreendi, oh enfim!, compreendi que poderia andar mais rente, e olhar as pernas,

sem

dor.

IX

GRAVE clarão,

êsse em que os frutos ardem
e as crianças riem.

Pássaro,

vento,

geografia,

flor,

onde queimar o corpo

sem desastre?

X

NESSES

mosaicos,

nesses,

onde o meu corpo ruiu

como uma coisa caduca,

o sol,

ail,

o sol

não chega nunca,

Ferd;

e estás salvo.

Só o teu som — êsse

cruel derrubador de anjos — poderá (quem sabe?) acontecer de
novo o que antes fôras, Tédio;

mas eu não creio.



XI

SIM,

aqui é a Catedral — sôpro imaturo — cujo trabalho é acontecer o vácuo.

(Não tente a nossa côr, nem esta escura luz, que o nosso chão é tempo.)

Catedral: — lugar quase terrível, onde os meus pés, no vento, viram flor; onde, por uma escada de sons, os horizontes nascem do meu tato — e eu me recrio na mais pura luz.

XII

O H, a luz!
A que incendeia o escuro e me envelhece. A que desfaz o pássaro no ar, para que êste, limpo, seja mais terrível — e cheguemos a nós pelo vazio.

Sim, a luz! O seu mortal acontecer em tudo, e, por detrás das janelas, o poeirento som de sua atroz dinâmica, que, inconsútil, trabalha horizontal a superfície pó de minha morte.

XIII

A GORA,

na tarde dos homens,
onde resisto
ao velho som das formas,
o espaço é côr
e tempo em meu vazio;
e as flôres,
acesas,
o meu ludibrio;
e o suicídio das frutas,
neste chão que eu piso como uma fera,
a festa
de minha morte.
Sou, em suma,
um vôo cego
e feliz.

Segunda parte
DOS ABISMOS DO RITMO



I

SILENE,

a tarde!

e a forma que caminhas,

nela,

sujará de pó a flor futura;

e já as árvores

te espiam,

alegres.

Continuemos, porém,

que amargo é o entregar-se

sem luta.

II

SILENE,

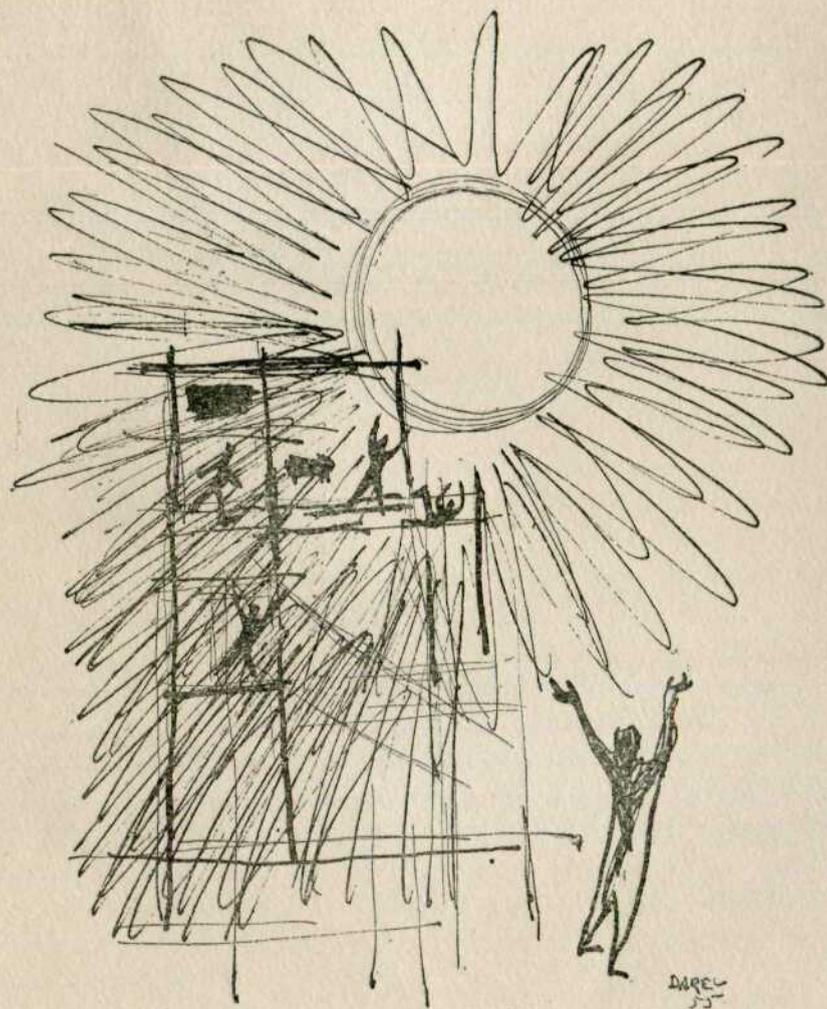
cai nessa tarde o que de nós
se perde à solidão futura.

Nossa luta, embora
real, ateia, ela mesma, a pulverização de nossas evidências.

Arquiteto do som, porém,
trabalho um campo astral em cujo cerne se requeime o Impuro;
onde,

depois do ar,
nenhuma luz seja limite

aos vácuos — e eu
te construa do mais alto sol.



III

SILENE.

quando chegasse o tempo por debaixo daquilo que outrora chamamos flor, já os pássaros, secos, tinham aproveitado uma estrutura do éter, para, aí, falar de uma distância que o nosso próprio vazio disputava. Disputava? De qualquer maneira, o crepúsculo já não dispunha de nenhuma força além da côr, que êle, crepúsculo, oferecia aos homens na sua exata pobreza, diante de um espaço que êles não foram, nunca.

E nós chegamos naquele instante, onde, geomêtricamente, todos os pássaros pareciam idênticos e voavam numa matemática tão difícil, que os preás, presentes, calculavam com uma felicidade quase feroz: 8, 11, 19... Sim; 19 pássaros de éter, que o éter, êle mesmo, já não podia suportar o pêso.

(E uma luz que não vinha de nenhuma parte do planeta, apareceu súbita e nos enguliu.)

Depois, falamos do azul silêncio que os anjos guardavam e apodreciam nas suas asas de pedra, e, aí, começamos a perder a primavera que, naquela tarde do ano, era uma águia de vôo claro e rápido numa espiral do ar, morrendo.

E te lembraste de um verão esquecido no bolso de um paletó que os ratos devoraram, e, enquanto isso, as auroras consumidas nos frutos que já não tinham árvore, gritavam as seiscentos côres do mistério que nos separava,

e

nos

perdemos.

IV

SILENE,

a luz se erguia do escombro de nossos corpos
e vacilava entre o sorriso das ervas.

Naquele tempo,

quando,

de

nossas asas em vôo arrebentavam crepúsculos (oh, eu me lembro!), os cavalos mordiam as plantações de vento, e o chão era mais duro e mais difícil.

Oh! os cavalos,

o brilho de suas ancas!, a cintilação das pernas; e nós, oh! nós caíamos sempre, fulminados!

Súbito, um braço se erguia sôzinho e caminhava em direção do vazio. Parava. Nossas cabeças, empoeiradas de luz, ardiam sob um céu antecipável.

Só as mãos,

como flores de ar, ornavam o silêncio da terra, que, naquele fim de estação, não era nem alegre nem terrível,

mas,

apenas,

meta-

fisicamente indevassável.

Depois, a solidão

construiu os meus pés de côres fáceis, e tôdas as tardes foram idênticas.



V

SILENE.

as árvores cresceram por ali.
Cresceram naquele campo insonoro, onde, sem que o soubesses,
já um silêncio ardia nas orquídeas o futuro ritmo das linhas, que,
três séculos depois, iriam contornar a palidez dinâmica dos
rostos.

E cresceram tão
sem música, que os nossos pés são horríveis ainda hoje; que,
apesar das marés, nossas bôcas são fáceis como nuvens, e, nas
cidades, é êste barulho o construtor de sóis.

Não!,
nós precisamos refazer a calma. Não aquela — devoradora de
môscas — mas, sobretudo, uma calma tão nossa que derrubasse
os outonos, e, quando chovesse, a acidez azul

de céus

reais.

VI

SILENE.

a luz floresce o desastre.

Aqui,

onde foi terra, outrora, a flor construiu o azul dum esqueleto
do éter: e além (nesse

futuro campo aonde dizer "eu te amo" seja um abraço de ar)
os arco-iris crestam meus arquétipos.

Sim, astros de pó — feras de brilho a que meu
corpo cede em verticais de fúria — o sol (êsse anjo gasto no
meu chão de medos). oh, o sol trabalha a nossa quintessência
— e já não somos.

que o vertiginoso dos extremos.

VII

SILENE.

grita, pelos vazios da forma,

o velho ar dêsse meu chão de orquídeas.

É aí

— disseram — que a distância do corpo arde
sem luta,

e,

um pouquinho mais longe — lá entre os
gerânios — que as estações tenteiam novas côres.

E tudo é fácil como olhar canteiros
saber que é outono nos jardins:

mas, sob céus

tão pobres, quem ousaria acontecer o som?

Ouve:

o velho ar dêsse meu chão de orquídeas é terrível:

armado de pura luz, ninguém escapa à fome
do

seu sôpro,

que êle,

alquimista de abismos.

queima sem fúria o corpo do silêncio.

Mas

eu te amo,

Fera.

VIII

SILENE,

as coisas do meu planeta
são um começo de tarde
envelhecendo as acácias.

As árvores — arquiteturas de ritmos — dormem,
aqui,
antigas solidões de ásperos contornos.

Pássaros sujos de luz voam crepúsculos,
e,
onde construo coração e sexo,
a terra é uma flor de sons, espanto ou sombra.
Metal é um vento que aqui sopra
e faz florir angústia nas estátuas.
Homem é uma cantiga, pô de sono,
contido e limitado ao sol das ostras.

ÍNDICE

	<i>Págs.</i>
A guisa de prefácio	5
PRIMEIRA PARTE	
Catedral dos vácuos	9
SEGUNDA PARTE	
Dos rebismos do ritmo	33